

Ucha

UCHA, orago São Romão, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Ucha vem do latim *hutica* que significa caixa ou casa de guardar pão e outras virtualhas.

Em um documento do século XVI de vedoria para emprazamento das terras do passal da Ucha menciona-se uma *ucharia* com habitação para *ucheiro*, ou arrecada dos dízimos, donde talvez venha o nome de *Ucha* a esta freguesia.

A freguesia da Ucha vem já, porém, nas Inquirições de 1220 com a designação: «De Sancto Juliano de Ucha», de Terra de Prado.

Nelas se diz: «quod Rex non est patronus, quod habet ibi dominus Rex terciam unius casalis. Et habet eciam in Mazaedo unam leiram».

«Quod habet ibi ista ecclesia l senariam. Tiviaes 6 casalia Cervaes 8 casalia. Manenti l casale».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in Judicato de Prado, item, in parrochia Sancti Romani da Ucha* que ouviu dizer a seu avoo que intrava o Mayordomo in Ulveira et in Terroselo et in Qomariz; que o Mayordomo intrava a penorar in Mazaedo de Susão, et in Ulveira, et in Goma-riz, et ora non intrava y; que in San Romao pectavam ai Rey voz et caomia et omizio, et ora non la pectam;

que ouviu dizer destas sobresscritas onras que intrava y o Mayordomo, et ora non intra y.

Alguns lugares desta freguesia pertenciam ao antigo Couto e honra de Azevedo e os restantes ao extinto concelho de Prado.

A antiga *Igreja Paroquial* era no lugar do Assento, ao sul da actual, distante desta uns cem passos.

Da estrada ao Cemitério abre-se uma larga avenida, marginada em parte de árvores, ao centro da qual e no sítio mais elevado e desafogado se ergue a actual matriz desta freguesia, construída em 1900, edifício alto e espaçoso mas de arquitectura simples e sem os arrebiques da arte.

Ao lado direito da sua fachada eleva-se uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta, junto à capela-mor, foi construída a sacristia.

Dentro, esta capela-mor é forrada a estuque muito bem pintado e decorado, ostentando ao centro um emblema do Sacramento.

O altar, em estilo pobre, é moderno.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, pintado e decorado como o da capela-mor, vendo-se ao centro o ícone do padroeiro desta freguesia — S. Romão.

Tem quatro altares laterais, dois de cada lado, metidos cada um em seu arco nas paredes.

Tem coro, dois púlpitos e o baptistério, caso pouco vulgar, do lado da epístola, metido em um arco debaixo da torre.

Ao fundo desse pequeno nicho, por trás da pia baptismal de mármore, moderna, vê-se pintado um quadro representando o baptismo de Cristo.

Respira-se neste templo conforto e asseio; foi a impressão que trouxe da minha visita.

Atrás da igreja, ao lado esquerdo da avenida ao Cemitério, ergue-se a *Residência Paroquial*, de boa aparência.³⁹⁴

A antiga matriz, um pouco desprezada, está ainda aberta ao público e serve de *Capela do Cemitério*, depois de reduzidas as suas primitivas proporções.

É um edifício baixo, desproporcionalmente largo por ter sido cortado ao comprimento.

Na sua fachada, terminada em ângulo, encimada por uma cruz, abre-se sobre a porta principal uma pequena rosácea.

Do lado direito, junto à capela-mor, está uma diminuta sacristia que serve de depósito de cereais.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira com pinturas antigas, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro São Romão.

O altar é em talha antiga, vendo-se ainda no pavimento desta capela três sepulturas com seus respectivos taburnos.

O corpo da igreja é forrado a madeira igualmente pintada.

No adro foi desenterrada uma sepultura de pedra (pia) que se encontra sem tampa e está encostada ao gradil do cemitério.

Dentro do antigo adro, em frente à igreja, vê-se uma tosca mesa e bancos de pedra, que era a *mesa do cabido*.

Na parede posterior da sacristia, da parte de fora, junto à capela-mor, está uma lápide em granito muito ensalitrado com uma inscrição indecifrável.

Das letras que contém pudemos copiar apenas as seguintes:

S IN E DCCCL VIII HE MUH DE S FERI 99 R A.

Entenderam? Eu, não.

O *Cemitério Paroquial* foi construído à direita da antiga igreja, com porta virada ao adro.

Sobre esta porta lê-se a data = 1887.

O *Cruzeiro Paroquial* fica em frente à actual matriz, junto à estrada.

É moderno, sem data nem inscrição.

Sob uma forte coluna eleva-se uma cruz com uma bela imagem de Cristo em pedra.

Das capelas desta freguesia existem apenas duas.

A *Capela das Graças*, moderna, tendo apenas pouco mais de meio século, junto à casa da Eira, é particular e pertence à Sr.^a D. Rosa Martins Ribeiro.

A *Capela de Nossa Senhora da Mãe dos Homens*, junto à casa do Cabo, é antiga e particular, pertencendo ao Sr. Manuel Nogueira Coelho.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada por dois ribeiros: o da Nogueira, que nasce na freguesia de Oliveira, atravessa nesta da Ucha a estrada sob uma pequena ponte e vai desaguar ao Cávado, e o das Andorinhas, que nasce na próxima freguesia de Cervães, atravessando a estrada sob uma ponte, vai também desaguar ao Cávado.

As suas fontes públicas são: a do Forte, a da Torre, a da Quinta, a de Mozolo, a da mina do Moutinho e a da Granja. Esta freguesia é servida pela estrada n.º 8 de 2.^a classe de Barcelos a Prado e Montalegre, e confronta pelo norte, com a de Cervães, do concelho de Vila Verde; pelo nascente, com a de Cabanelas, também daquele concelho; pelo sul, com o rio Cávado e pelo poente com as de Oliveira e da Lama.

A sua população no século XVI era de 50 moradores; no século XVII era de 90 vizinhos; no século XVIII era de 113 fogos; no século XIX era de 671 habitantes e actualmente é de 852 habitantes, sendo 354 do sexo masculino e 498 do sexo feminino, sabendo ler 155 varões e 80 mulheres, havendo pois 617 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Fortes, Sobreiro, Cabo, Quintão, Gandra, Torre, Marco, Rego, Gandra-chã, Bouça, Bairros, Fraião, Cruto, Medeia, Macedo, Vieiros e Codracheira,

As suas casas mais importantes são: a do Cabo, a do Gomes, a da Eira, a do Sobreiro, a do Órfão, a de Carreira e a de Fraião.

Tem Escola Oficial para os dois sexos, de dois lugares, que funciona em edifício arrendado.

Tem Caixa do Correio, 2 estabelecimentos de mercearia, 2 de fazendas e uma Farmácia.

Existe nesta freguesia a indústria de torneiros (fazer torneiras de pau), mas a mais importante é a de olaria, sendo muito antigas nesta parte do concelho as olarias.

Em escavações feitas nesta freguesia têm aparecido restos de loiça, tijolos e telha, do tempo dos romanos.

O barro era extraído na grande barreira de Cruto, que se vê ao lado esquerdo da estrada de Barcelos a Prado, nos limites desta freguesia da Ucha, da de Cervães e da de Cabanelas, muito conhecida já daquele grande povo.

No monte do Castro, nesta freguesia da Ucha, havia a chamada Eira dos Mouros, que desapareceu com as obras que ali se fizeram em 1934 e onde se encontraram muitos objectos da época românica.

No documento do século XVI, ano de 1549, no princípio mencionado, Diogo Gonçalves, Cónego da Sé de Braga e abade da freguesia da Ucha, fez emprazamento das terras do *Passal* (que naquele tempo ocupava grande parte desta freguesia) a Catarina Fernandes por 600 reis anuais.

Esse emprazamento foi confirmado por um Rescrito de Paulo III, de 24 de Abril de 1546, no qual diz aquele Papa: ...«qua dicta Catarina ejusdem Didan Gundisalvi forsam femina vel concubina sit aut fuerit. . .».

Por esta passagem se vê a lassidão da disciplina eclesiástica no século dos Médicis, chegando um Papa a reconhecer num diploma oficial o emprazamento das terras do passal feito por o abade daquela freguesia a sua *mulher ou concubina*.

E já que estamos com assuntos ligeiros, que apenas servirão para amenizar a grande maçada da história e descrições de freguesias, vamo-nos referir à historieta de um usurário e de seu digno filho, sucedida nesta freguesia, como a conta Pinho Leal, ou o seu continuador, no «Portugal Antigo e Moderno».

«É digno de nota, um facto acontecido nesta freguesia, em Fevereiro de 1876.

Tinha falecido quase de repente, em 1873, um lavrador, que tinha tanto de rico, como de avarento. Declarou poucos momentos antes da sua morte, que queria ser enterrado com sua *roupa domingueira*, o que se cumpriu.

O filho, que era tão avarento como o pai, remechendo tudo, em busca de dinheiro e títulos, deu pela falta de dous contos de reis em notas; e, lembrando-se que o pai os tivera na mão, poucos dias antes de morrer, *mandou desenterrá-lo*, no fim de três anos (1) e com efeito, encontrou as notas, no bolso do defunto!

Se fosse um desgraçado que não tivesse mais nada de seu, talvez não tornasse a ver semelhante dinheiro».

Acabou-se o conto e eu, se não tirei outro resultado, muito satisfeito fiquei por ter ampliado com ele o espaço destinado a esta freguesia.